

Negociação endurece e Zélia instrui Dauster a voltar

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON — Ao iniciar, às 11h, mais uma reunião com os representantes dos bancos credores, num dos prédios do complexo do Citibank, em Nova Iorque, o embaixador Jório Dauster, negociador da dívida externa brasileira, já tinha uma instrução forte e singela vinda de Brasília: vir embora. Pelo que ocorrera no dia anterior, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, estava convencida de que não adiantava Dauster continuar a conversar com os banqueiros. “É melhor voltar logo e não ficar gastando dinheiro

de hotel em Nova Iorque”, dissera a ministra, segundo uma fonte da equipe econômica.

Era um sinal de que as negociações, se já não vinham bem, agora entraram numa fase de turbulência. Dauster foi a Nova Iorque, desta vez, porque recebera sinais de que os banqueiros tinham uma resposta à contra-proposta apresentada, na semana anterior, pelo governo brasileiro, consubstanciada na oferta de pagar US\$ 940 milhões dos juros atrasados até o final do ano e mais 25% dos juros que vencem em março do ano que vem. Ao se reunir novamente com os credores, porém, o embaixador notou que eles não tinham

nada de novo a dizer. Daí a irritação de Zélia, e a decisão de trazer o negociador da dívida de volta.

Dauster mesmo assim manteve a reunião da manhã, mas não com a plenária do Comitê da Dívida. Participaram dela, como representantes dos credores, apenas o presidente e os dois vice-presidentes do Comitê. Encerrada a reunião, o embaixador manteve uma longa conversa, de mais de uma hora, por telefone, com Brasília. E em seguida sabe-se que manteve mais uma reunião, em caráter de emergência, com os credores, mas um clima de desânimo a essa altura já dominava as negociações.

Na verdade, a equipe econômica está convencida de que os credores não querem fazer as negociações avançar. E isso por motivos bem pragmáticos e interesseiros. Em primeiro lugar, segundo a análise que se faz na equipe de Zélia, eles acham que a próxima visita do presidente George Bush ao Brasil, a se iniciar na segunda-feira, pode trazer novidades — quem sabe o presidente americano consiga arrancar concessões de forma a afrouxar a posição brasileira atual com relação à dívida. Em segundo lugar, os credores trabalhariam com a hipótese de o atual tiroteio contra a ministra da Economia, desencadeado principalmente pelos empresários, vir a

desestabilizar a equipe econômica. Isso poderia arrastar igualmente a uma revisão da posição brasileira.

Há indícios até impressos de que os credores trabalham com a hipótese de substituição da equipe econômica. Um deles foi a notícia que saiu na segunda-feira na primeira página do jornal sobre investimentos que circula internamente na potente corretora nova iorquina Salomon Brothers. “Há rumores de que o presidente Francisco (o erro é da própria Salomon) Collor de Mello pretende fazer reformas na sua equipe econômica. Isto poderia provocar uma substituição em massa no atual time de negociadores brasileiros que poderia levar o

país a adotar um caminho mais construtivo na solução dos problemas relacionados à sua dívida externa”, afirmava a nota.

Os representantes dos bancos esta semana estão mudos. Nem mesmo aqueles que sempre se mostraram ávidos em passar informações à imprensa brasileira mostram-se dispostos a falar. Dentro do governo americano, porém, confirma-se que as negociações entraram em turbulência. “As coisas não estão indo bem”, afirmou ontem um importante funcionário, que atribui aos brasileiros essa situação. “Não estamos vendo disposição do lado do governo brasileiro de negociar”, acrescentou ele.